

António Salvado

A Dor

Fundão
2002

A DOR

Ficha Técnica:

Autor:

António Salvado

Título:

A Dor

Edição:

Sirgo - Letras & Artes

Apartado 138 6001-909 Castelo Branco

Composição, impressão e acabamento:

SEMEDO - Soc. Tipográfica, Lda. - C. Branco

www.semedo.pt

ISBN:

972-98694-5-6

Depósito Legal:

189918/03

À Isabel Leonor

A DOR

Face à pura realidade da dor como uma das mais singulares experiências pessoalíssimas, será imaginável que alguém a consiga transformar em objecto dizível, sem a desvirtuar, depurando-a em palavras que não traíam também essa forçosa particularidade? Dito de outra forma, será possível chegarmos à dor sem a vivência apavorante no próprio corpo que é dela indissolúvel? Talvez sim ou talvez não. A poesia de António Salvado atinge-lhe pelo menos a fronteira. A sua visão, tão nítida, tão essencial, através de metáforas vigorosas que são portas privilegiadas para lá chegar sem essa lesão directa, traduz bem a arte poética deste autor. Uma gnose admirável decorre do seu poema em que combina a crueza da prova de um tal sofrimento com os anseios perenes da ventura. António Salvado descreve a minúcia da dor, e guinda-a ainda a uma dimensão mais humana. A dor como certeza absoluta do existir, sim, mas sempre com a esperança de o não ser. Onde a luta nunca consumada.

Sobre o poema *A dor*, lido pelo próprio poeta, na sessão solene comemorativa do X Aniversário da Unidade de Tratamento da Dor e Medicina Paliativa do Hospital do Fundão, realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal do Fundão, em 22 de Novembro de 2002.

Antonio Lourenço Marques
Director da Unidade

Com a queda nasceu - a dor: perdido
paraíso de rios verdejantes
ao Homem dado como altar à Vida.
Com a queda vibrou: a hoste de Satã,
guia das trevas, lume da profunda
maldade a serpejar pelos abismos.

Com a queda rangeu: insólito fragor
das armas afiadas, sem lugar
legítimo e solar na criação.
Mas da queda jorrou: e quem a vigorou?
novo perfil com ela fez ao Homem?
n'este punziu entranhas ressentidas,
rudes quebrantos, pios das harpias,
sombrios pensamento e coração?
E quem a tornou sólida, funesta,
p'ra que dentro de si fosse medida
a vibração da falta cometida?

Nem um Anjo valeu à resoluta
e lei fatal que em ríspido bramido
traçara assentimento ao sofrimento.

E a Terra se cobriu, com o suor do rosto,
com lágrimas tolhidas e vertidas,
com distorcidas mãos e calejadas.

E a dor reinou: comparsa de Satã
pelo mundo a ferir; a companheira certa,
aquela que os ouvidos tem cerrados
às palavras do luto antecipado:
"jamais, não mais serás!": na rotação
do dia, movimento sem paragem,
reaparece em estranha lealdade,
indesejada, conjugal ao ódio,
como salaz presença que não dorme.

Sentinela d'angústias, desespero,
soberana sem luz feita de noite,
dilacera o conforto, assola o júbilo,
anula a graça de qualquer prazer.
E rasga norteando cada instante
à confusão do caos, ao terramoto
que mina o existir como farrapo
desfibrado nos pânicos da alma.

P'ra quê então falar d'esp'rança? A dor
reina absoluta a calcinar a vida,
de chicote na mão, alheia ao pranto,
com risos de desdém, ferocidade.

E no entanto em nós a confiança
timidamente brilha, permanece,
como estrela persiste, firme aguarda
que a esp'rança reavive a porta do regresso
aos rios verdejantes, aos pomares
do breve paraíso que foi nosso.